

# JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.



## CHRONICA DOS SALOES.

Com a estação animadora da natureza animão-se os espiritos, e com elles a sociedade. Eis a razão pela qual se abrião as portas de todas as nossas companhias quasi ao mesmo tempo, chamando os habitantes do mundo elegante a lançar-se freneticos a perder-se na multidão que faz de uma sala um labyrintho, e a confundir suas vozes no ar com os sons das orchestras que dão o signal do sacrificio de Tersicore.

Mal vos haviamos annuciado a ultima reunião do baile da *Vestal*, cujo brilhantismo procuramos descrever-vos, teve logo realisação o baile da sociedade *Cassino Commercial*, annuciado para a noite de 17 do corrente.

Sabeis, leitoras, quanto é difficil, talvez mesmo impossivel, descrever um baile: pois esta difficuldade torna-se incomparavelmente maior quando o baile, que deve ser descripto, tem sido animado, concorrido, ornado de elegantes e escolhidos *toilettes* e, sobretudo, honrado por grande numero de bellezas fascinadoras, cujos scintillantes olhos parecião disputar ás luzes do recinto a animação que recebião ás cores das grinaldas que adornavão as frentes nobres e elegantes dos mimos da sociedade fluminense.

Quanto seria agradavel que pudesseis ter o talento preciso para descrever o aspecto de alguns anjos que prostravão em perenne adoração os innumerados devotos da Deusa da perfeição, ve-

nerada no altar das Graças!.... Impossivel... Falta-nos o talento para alcançar a verosimilhança na narração, e porisso desistimos de tal intento. Cabe á muito digna directoria a gloria dessa noite; e certamente lhe restará o desejo honroso de tornar a reunião no proximo baile o complexo de fadas ou mythos, que tanto abrihantarão esta companhia, e que podem ser representadas por flores tecidas em grinalda com que seja coroada a directoria da sociedade *Cassino Commercial*.

No dia seguinte ao deste baile, domingo, houve grande companhia no *Passeia Publico*, onde uma banda de musica executou escolhidas peças, em quanto a multidão enchia a extrema varanda, ou se espalhava por entre as poeticas alamédas, ou descansava sob a folhagem do arvoredor onde brincavão os zephiros, que se haviam ahí espalhado nessa bella tarde.

Na quarta-feira teve logar a costumada partida do *Club Fluminense* que devia bem satisfazer o digno empresario pela brilhante concurrencia e animação que reinou na companhia. Quasi todas as senhoras, como que por convenção de render uma homenagem á belleza natural contra a artificial, ornarão seus elegantes penteados com flores naturaes de tal modo dispostas que parecião haver sahido dos jardins do florista Constantino. Entre todas, pudemos notar um

penteadado ornado de rosas guanabaras brancas, d'entre as quaes pendião lindas campainhas escarlates. Uma senhora preferiu as rosas escarlates, ás quaes reunião com elegancia e primor niveos jasmims miudos. Mas o que muito agradou foi o penteadado de tres senhoras que preferirão as dhalias e rosas, d'entre as quaes pendião lindas pitangas mais ou menos amadurecidas, sobre a folhagem verde que se estendia sobre o penteadado.

Se todas as senhoras comprehendessem quanto são preferiveis as flores naturaes ás artificiaes, fazião uma completa reforma nesta especialidade de seus *toilettes*: e devem fazel-o as nossas

patricias como demonstração de que a natureza das bellas americanas pôde rivalisar com a naturalidade das flores com que ellas se adornão; e que o seu espirito e graças não temem perder a preferencia ante o perfume mais delicado que exhalão as mais mimosas petalas.

Hoje 24 do corrente deve ter logar o baile da sociedade *Sylphide*, cujo brilhantismo é sempre apreciado pelos amadores.

Esperamos a história desta noite, que será o objecto da *chronica* que vos deveremos para o proximo domingo.

Alina.

### DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

**VESTUÁRIO DE ESTAR EM CASA PARA RECEBER VISITAS.** — Vestido de *moirè antique* cor de violeta basquina de veludo preto enfeitada de vidrilho, o corpo da basquina é todo afogado porém meio aberto e fechado por umas prisões de vidrilho, as mangas são abertas de cima até baixo aonde são presas por um punho deixando apparecer uma sub-mangas de setim branco todo de folos, a renda cahindo sobre a mão e os collarinhos são de *quipure* de Ponto de Inglaterra.

Penteadado á Eugénia com um simples bandô de fita verde.

**VESTUÁRIO PARA UM MENINO DE 3 PARA 4 ANNOS.** — Calças curtas enfeitadas de tirar bordado inglez.

Paletó de veludo azul todo enfeitado de tiras estreitinha de *masabout*; *casquette* de veludo azul enfeitado de um *masabout*. Collarinho e seb-mangas de bordado inglez.

**VESTUÁRIO DE UMA MENINA DE 8 PARA 10 ANNOS.** — Vestido de tafetá verde.

Paletó de cachemira enfeitado de fitinha de veludo.

Calças curtas.

Chapéu de seda franzido.

## JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 44.)

XI.

*A morte do Mouro.*

A caballo salió el mouro  
Y otro dia desgraciado  
En negras andas le vuelven  
Por donde salió a caballo.

Montado em soberbo corseel granadino ia el-rei D. João II com toda a sua corte, pelo pendor da serra, onde se ergue o castello de Nogales, para empossar no de Salvaterra o seu protegido, o celebre Roman.

A rainha ia n'um vistoso palafrem enjaezado de veludo verde e ouro, e a seu lado a duqueza herdeira de Silves, radiantes ambas de formosura, de riqueza e de alegria. Segui-as o velho

marquez de Vilhena sem desprezar os olhos da sua fugitiva noiva, e procurando chamar a sua attenção com palavras e suspiros. Porém a duqueza, para se livrar delle, chegou o seu cavallo quanto pôde do da rainha, travando com esta uma conversação em portuguez, que ainda que fosse menos cerrado não o comprehenderia o Vilhena. D. Alvaro de Luna, absorto em suas reflexões, ja um pouco arredado da corte, deixando ao Vilhena a honra de conversar com S. A., que se considerava muito feliz com esta ausencia do conselheiro, e com a liberdade de poder communicar francamente as suas expressões. Sempre que estava longe do condestavel, era D. João amavel, jovial e conversador, e a sua cabeça levantada e o facil mover do pescoço, indicavão que lhe não pesava muito a

coroa. Parecia que a mão de D. Alvaro o fazia vergar como uma massa de ferro, pois que a sua proximidade tornava o rei tão merencorio.

A formosura daquelle corte de seda, de ouro, de plumas, e de semblantes delicados, formava um philosophico contraste com a severa perspectiva dos inculcos montes, e o rumorejar das palavras que espantava as avesinhas, e o rufar dos tambores que fazia fugir as corças, houvera indignado o poeta que preferisse a solidão da natureza virgem ao bulicio das vaidades mundanas. Quando se vêem nas penhas, nas arvores, nos arroyos e nas flores, as moradas e os doceis, os espelhos e os leitos que tiverão os primeiros homens, um sentimento inexplicavel nos rebella contra a civilisação. Emquanto vivemos em palacios, e dormimos entre finas breaunhas, embriagados de perfumes, não sentimos mais do que o languor da preguiça ou o enervamento da escravidão; mas quando respiramos o ar livre dos bosques, sentimos se somos guerreiros, que o peso do capacete nos magoa a cabeça, e se somos mulheres, que a acanhéz do vestido nos aperta o coração: e comparando a existencia simples e feliz dos primitivos seres com a nossa complicada e tormentosa, temos um accesso de colera em que quizeramos destruir as nossas casas e fugirmos para os ermos; isto é, os seres amantes e os poetas, que são os unicos que a civilisação não consegue dominar; que os outros, esses resignão-se a viver nas cidades, com um rei que os tyrannise, um escravo que lhes obedeça, e um carro em que passem. Roman era poeta e namorado; ao aproximar-se da selva, sentiu que o peso da armadura lhe era insupportavel. Para viver com Jarilla nas grutas das madresilvas e dos rosas, não lhe era mister nem dourada armadura, nem a successão ao Marquezado, nem o favor de D. João. Soltou-se um suspiro dos labios do donzel, e com grande sentimento d'el-rei teimou em conservar absoluto silencio. Naquelle momento, porém, espantáram-se alguns cavallos, as duas illustres portuguezas começaram de bradar em seu idioma, e D. Alvaro acudiu sobresaltado. Quatro homens arrastavão custosamente, com o auxilio de uns bordões, a um Mouro alagado em sangue, que ia regando em abundancia as hervas. Seguíam-se cêrca de quinze bêsteiros com ar triumphante, como uma turba de rapazes travessos volião do campo com um grande lagarto que arrastão meiu vivo entre disputas e algazarra. De espaço a espaço descaçavão os que conduzião o Mouro, e um dos quatro entretinha-se em levantar-lhe as palpebras com um páusinho para lhe ver os olhos, e abrir-lhe a boca para lhe observar os dentes. Roman pulou do cavallo com a furia de um tigre, e desembainhando a espada começou de acutilar aquelle homem cruel. Depois ajoelhou ao pé do Mouro, limpon-lhe o rosto com o lenço, rasgou em pedaços o saio e estancou-lhe a ferida da testa, bradando que o ajudassem os medicos do rei, com grande surpresa de toda a corte, que não podia comprehender semelhante exaltação.

— Donzel, disse o condestavel, acercando-se

delle com semblante carregado, S. A. não veio aqui para o vêr desempenhar as funcções de cirurgião, senão a dar-lhe posse de um castello.

— Condestavel, respondeu Roman com dignidade, a humanidade está primeiro que o rei.

E sem attender a mais razões, deu ordem para que trouxessem do castello uma maca: tirou o capacete, tomou agua de um proximo regato, que desde então se chama o regato do Mouro, lavou o rosto do ferido, e não se arredou delle até que o viu tornar a si.

Voltou-se depois para o rei que esperara um signal do condestavel para saber se devia euchar-se por aquelle acontecimento; e antes mesmo de reflectir, referiu-lhe a scena do castello de Salvaleon, seus deveres para com o Mouro, e o desejo que tinha de levar-o consigo para lhe pagar uma divida de gratidão. O gesto indeciso do rosto de S. A. tomou com semelhantes razões uma expressão benigna, e não só approvou que Roman acompanhasse o Mouro, mas tambem encarregou o seu medico de o auxiliar eficazmente.

E' verdade que isto deu muito que fallar aos pagens, ao Peres sobre todos, que disse:

— Pois sim, levem este maldito ao castello; que assim que elle abrir os olhos não hão de faltar desgraças. Olhem como D. Roman se mette com aquella gente... bem me dizião a mim que na guerra protegera elle um...

— O calado é o melhor, Sr. Peres, redarguiu outro pagem.

— O que é innegavel em todo o caso, Sr. Peres, é que deve estar convencido de que não é tão difficil matar um Mouro como parece; nós, com sermos vinte só, fomos de sobejo para lhe dar caça.

— O Sr. Marinilla, pois vossemecê cuida que eu sou tão tolo que acredito que o Mouro está ferido mortalmente? Tão vivo estivera meu pai!

— Com que então não está ferido de morte?

— Afianço-lhe, por Santiago, que o Mouro está mais vivo que nós outros; e esse sangue que tem vertido não foi senão para eiveneoar as hervas que amanhã estarão secas, ou eu não entendo destas espertezas da mourisma. Matar o Mouro! Ora essa! Isto é entrega que nos elle quer fazer!

— A culpa tenho eu, Sr. Peres, que o quiz trazer vivo ao castello; se, como tencionava ao principio, lhe esmagasse a cabeça com uma pedra, não haveria a temer nada da sua magica.

— Isso Sr. Marinilla, é que é mesmo não entender da magica da mourisma. Ainda que lhe pozesse em cima aquella serra (e apontou para a mais alta) não lhe esmagava a cabeça, não! Aquelle demonio tem o craneo de ferro. Pobres dos que hão de carregar com elle!

— Cale-se, Sr. Peres.

— E o que beber da agua do arroyo onde lavarão o capacete, depois de ter servido de bacia para lhe enxugar a ferida, cuida que não ha de rebarbar?

— E quem ha de beber agora dessa agua?

— O pobre pastor que o não souber; os animaes, os passaros; se houver epidemia prompto

se saberá... Ora esta, olhe o cachorro!... Nunca vi um demónio mais endiabrado! Pois não quer fingir que está com as ancias da morte... Mil raízes o partão!

Os mouros são muito ladinos; eu cá, porém, já lhe entendo das patranhas!

Fora-se separando de Peres os outros companheiros, e o pageu bradou:

— Que é isso; porque se vão embora?

— Porque é imprudente, redarguirão os outros, e pôde comprometter-nos com as suas fallacias!

— Pois já me calo, tornou Peres, unindo-se a elles.

Collocado Regio na maca, que levavão aos hombros os servos de Roman, tranquillisadas as illustres damas, e recobráudo D. Alvaro de Luna o ar indifferente que uma falta de etiqueta havia transtornado, pôz de novo em movimento a regia comitiva ao som dos tamborés, e entre os surdos gemidos que exhalava o musulmano.

Aquella marcha triumphal conduzindo um moribundo, a alegria debuxada no semblante dos christãos, a agonia da morte no rosto pallido do mahometano, um rei de Castella dominado pelo valido, a quem mandou depois decapitar, um marquez, sentado com a mulher de seu filho, Roman unido com a mulher que não ama, e a pouca distancia Jarilla a chorar pelo amante que não pôde pertencer-lhe; eis aqui reunidas naquella floresta todas as miserias da vida.

— V. A., exclamou impaciente a herdeira de Silves, dirigindo-se á rainha, não fará com que meu marido nos explique a causa do seu carinho por esse infiel que em tanto susto nós poz á todas?

Ouviu o marquez de Vilhena a palavra *marido*, e aproveitou a occasião para approximar-se de D. Ignez.

— Tu, disse graciosamente a rainha, és o marido moço.

O velho curvou a cabeça confuso e mortificado, e a rainha mandou chamar Roman.

— Que mulher, disse, quer fazer-te uma perseguição?

— Duqueza, respondeu Roman inclinante, e começa quando lhe aprouver.

— Não sabe, balbuciou D. Ignez perturbada, desde quando sois amigo dos mouros?

— Desde que sou christão, minha senhora; interesso-me por todos os desgraçados.

— Ah! exclamou a duqueza, detendo o cavallo, se fosses tão piedoso com as mulheres!

— Que quereis dizer?

— Que ainda não vos dignaste de olhar para mim, se quer!

— Perdoai-me, se me não é dado satisfazer o vosso legitimo desejo.

— Não é um desejo, é uma queixa.

— Perdoai-me, repetiu Roman, querendo apartar-se de D. Ignez.

— Roman, proseguiu a portugueza, uma palavra só.

— Que seja breve.

— Sou vossa esposa.

— Bem sei.

— E então...

— Ah!

— Suspiras, Roman?

— Suspiro, porque sei que não posso pertencer a outra.

— E dizeis isso com amargura?

— Digo-vos com desesperação.

— Roman!

— Que quereis!

— Amais outra mulher?

— Sim.

— Pois esquecei-a, porque nunca sereis livre... Juro-o! seja qual for a decisão da igreja, eu amo-vos, e não renunciarei aos meus direitos.

— Usareis do meu nome, mas nunca possuireis o meu coração.

— Para que casastes commigo?

— Porque então eu não amava mulher alguma.

— Ah!

— Duqueza, cumpramos resignadamente o dever que nos impoe o muido, vivendo fraternalmente; que a palavra amor, essa nunca sahirá dos meus labios.

— E quem é a mulher venturosa a quem amais?

— Pouco deve importar-vos o seu nome.

— Será tambem moura?... Guardai silencio?... Temeis que descubra seu refugio? Roman, quanto sou desgraçada! exclamou a portugueza, limpando em secco os formosos olhos.

— Sim, senhora, ambos somos mui desgraçados!

E Roman foi noyamente collocar-se ao lado do Mouro.

Já haviam atravessado grande parte da floresta, e descubrião-se a curta distancia as torres do castello. Regio, cada vez mais pallido, entreabriu os olhos e soltou um gemido, ao reconhecer o caminho que seguião.

— Amigo, disse Roman, eu aqui estou ao vosso lado.

— Roman, poucas horas me restão de vida!

— Para que estais com essas idéas?

— Quero fallar-te do meu ultimo desejo.

— Estou prompto a ouvir-vos, meu amigo.

— Quero que tu, com os teus mais fieis servidores me leves a enterrar no bosque onde está Jarilla, e que protejas essa infeliz. E' filha de um *hidalgo*, mas era eu que lhe servia de pai.

— Agora tratemos de vos salvar.

— Não, Roman.

— E se por infelicidade succumbirdes cumprirei a vossa vontade.

O mahometano havia-se reanimado pouco a pouco, e continuou.

— Roman, não te separes de mim, até eu expirar.

— Eu vol-o prometto; tereis forças para presenciar a cerimonia a que hei de assistir?

— Que cerimonia é?

— Vou tomar posse do castello.

— O meu castello vai pertencer-te? exclamou o Mouro com o semblante illuminado por um rai de alegria; sim... posso... e quer,



LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue Richelieu, 92.

Coiffeuses de la M<sup>me</sup> R. Chopin, Costuriers d'Enfants de la M<sup>me</sup> Jacob, Heures de la M<sup>me</sup> Valman, H<sup>tes</sup> de la M<sup>me</sup> Inspiratrice, Coiffeuses G. Violard, Corsets de la M<sup>me</sup> Clémence, Heures de la Chapelle, Sarpins, Gants, Coiffeuses de Wagner, Saboules.



Die Vertheilung gegen Inhaber.

LONDON at the Boston Office, 21 Great Street, No. NEW YORK E. B. Strong, 377

assistir a essa cerimonia... ali a teu lado, Roman.

Meia hora depois chegarão ao castello.

A cerimonia da entrega era naquellas épocas uma das mais solennes; muito mais, considerando a pompa regia com que ia verificar-se, e as numerosas tropas que acompanhavão SS. AA.

A serra parecia um gigante coberto no seu cumo com um só capacete, formado de centenaes de capacetes reunidos, e com um penacho que tremulava nas nuvens. O rufar dos tambores parecia a sua voz que retumbava pelos valles. Tinhão-se levantado assentos para o rei e para as damas; os nobres occupavão gravemente os seus postos. O mouro por detraz de Roman, sentado com as pernas cruzadas, exauria neste esforço os ultimos alentos.

O arauto repetia o formulario que declarava o herdeiro de Vilhena senhor do castello de Sal-

vattera, por graça do muito poderoso e magnanimo rei D. João II, quando Regio que contempylava com olhos espantados o marquez de Vilhena, levantou-se repentinamente e bradou: — Vilhena!... Vilhena!... Restitue-me o meu filho... o filho da tua christã é meu filho!... Vive nascer!... Maldito, esse filho não é teu... juro pelo Koran, que é meu filho!

O mouro cahio no chão morto, e um profundo silencio se seguiu a estas palavras.

O rei ficou afflicto; o condestavel suspenso; D. Ignez mudou de côr; o marquez perturbou-se; os nobres olharão uns para os outros espantados; os plebeus sorrirão-se surratelyramente, e Roman acudiu a levantar o Mouro, que exhalou em seus braços o ultimo suspiro, em quanto o povo gritava debaixo das ameias.

— Viva o rei! viva o novo senhor do castello.

(Continúa).

## POESIA.

### AS FLORES.

( N'UM ALBUM ).

Das lindas flores do campo,  
Tão lindas a mais não ser,  
Amo as côres, os perfumes  
Tão gratos a rescender;  
Amo os encantos singelos  
Que lembrão doces anhelos,  
Enlevos do meu viver.

Dessas flores tão mimosas  
Amo a breve duração,  
As bellezas d'um só dia  
Que logo murchar-se vão;  
Brilha assim fugaz ventura,  
Logo espira na amargura  
D'uma perdida illusão.

Eu amo as candidas flores  
Quando a amante engrinaldar  
Vem a lyra dos amores  
P'ra seus amores cantar;  
Amo-as dizendo caladas  
Tantas venturas fadadas  
N'um doce e vago scismar.

As teuras flores eu amo  
Emblemas do meu amor,  
Que ao roçar d'um beijo fervido  
Perdem logo a viva côr;  
Os lindos, varios matizes  
Dos momentos mais felizes  
Desbota-os qualquer rigor.

Amo as flores aljofradas  
Com as perlas da manhã,  
Amo-as sempre nos cabellos  
Da donzella mais louça,  
Amo-as muito quando unidas  
A outras rosas mais queridas,  
Arfando com doce afan.

Ai! então eu por colhel-as  
Dera todo o meu viver,  
Amo-as tanto que se eu fosse  
Seu perfume ali sorver,  
Dos meus cantos dera a gloria,  
Dera o porvir, a memoria,  
P'ra com ellas 'hi morrer.

Amo-as muito quando a fronte  
Vão do genio coroar,  
Amo-as, que ao Tasso e Leonor  
Virão prantos derramar;  
Amo-as muito, as lindas flores,  
Que de Beatriz os amores  
Bem ouvirão segredar.

Amo-as quando a brisa amêna  
Esvoaçando no jardim,  
Ora beija as flores dos tumulos,  
Ora o candido jasmim;  
Quando poisa a borboleta  
No alvo lyrio, na violeta,  
Ou na rosa de carmin.

Quando tímida donzella  
As esparze aos pés da Cruz,  
Cada aroma que se eleva  
Uma prece a Deus comluz;  
Amo-as quando na anciedade  
D'acerba longa saudade  
Meiga esp'rança nós reluz.

Amo-as quando o somno infundo  
Vão da morte embelezar,  
Quando sobre triste campa  
Vêem crescer, desabrochar,  
Quando os prantos d'um amante,  
N'horas mortas, eclirante,  
As vão sempre rociar.

Amo-as sempre que despontão  
Sobre o tum'lo de uma Ignez,  
Pendida a frente a carpirem  
De seu Pedro a viuvez;  
Amo-as na urze enroscadas,  
Amo-as seccas, desfolhadas  
No delirio de um revez.

Quero muito ás lindas flores,  
Exprimão dor ou prazer  
Por que em suas varias côres  
Mil segredos vou saber;  
Amo-as sempre que uma idéa  
De ventura ou prantos cheia  
N'alma fazem reviver.

Rio de Janeiro—1855.

C. J.

## SANTA THERESA DE JESUS.

Santa Theresza de Jesus, que hoje, nós os christãos veneramos nos altares, foi uma das maiores intelligencias que viu naseer e apagar-se o seculo XVI, tão fecundo, aliás em grandes cousas e em grandes homens.

Nasceu Theresza em Avila, na Castella-velha, aos 25 de Março de 1515. Desde a mais tenra idade, aquella organização delicada e nervosa parecia predestinada a ser gloria e martyr da instituição monastica; martyr, sim, que cada triumpho do claustro, pôde, deve cantar-se como um verdadeiro martyrio, como o sacrificio inútil da creatura ao Creador, como a renunciação voluntaria de todos os gozos da vida, como a aberração monstruosa de todas as leis naturaes, como a condemnação de todas as aspirações generosas, votando-a a uma existencia de oração, de silencio, de trévas e de morte!

As leituras que seus pais — e seus tão estre-mecidos amautes — mais gostavão, favorecerão porventura, ou fizeram desponzar, o que é muito mais natural, a tendencia de Theresza para a vida do claustro. Contão até alguns dos nossos biographos, tal era o estado de axaltação a que a haviam reduzido semelhantes leituras e o fanatismo do tempo, que sahira uma vez de casa de seus pais para entregar-se aos inimigos da fé e ao martyrio, alvo da sua ambição, que tão cruelmente tinha de realisar-se depois! Fo-

rão-na encontrar — á formosa e entusiasta criança que era —, quando já em sua infautil intelligencia procurava descobrir os meios de pôr por obra seu intento.

O dia, porém, em que devia consummar-se o grande sacrificio ainda não era chegado; e o mundo, que não a comprehendeu então — que só a conheceu monja e santa — e que não viu a mulher debaixo do burel e da estameña — o mundo, que a não pôde ainda comprehender hoje, como não pôde comprehender tudo que é extreme e puramente espirital — e como ha de comprehendê-lo elle, como ha de olhar ás cousas do espirito, se anda tão enlevado nas da terra! — o mundo, implacavel sempre para todos os infortunios, reservava-lhe a mais dura provação.

Dotada de uma alma energica, e de um coração profundamente sensível, quem não havia de requestar Theresza de Jesus, quando de mais a mais, a natureza não fóra mesquinha com ella dessa formosura —, flor mimosa que dura um dia, que os desgostos murchão facilmente, que qualquer accidente faz desaparecer, mas que o mundo em tanto preza, como coisa passageira que é! Theresza amou um homem. — Esse amor traduziu-se em transportes, em arrobamentos de íntima felicidade. Ousarão calumniar a virtuosa menina, que a fé, que o coração nos re-presentão immaculada; com quanto a cabeça,

a intelligencia nol-a figurem até certo ponto criminosa. E que o fosse? Quem esqueceu jámais as palavras do Divino Mestre: — « Perdão para a mulher culpada, porque o seu peccado foi amar muito. »

E Thereza amou muito de feito — amou tanto como sabe amar a mulher hespanhola — como sabe amar quem nasceu debaixo deste esplendido sol, quem sente a escaldar-lhe nas veias o sangue arabe, de que mais ou menos, nós todos os peninsulares participamos.

Quando mais inebriada estava nas delicias da terra, vierão os terrores e a superstição, e, por ventura, a consciencia de que as commoções terrenas não podião saciar-lhe de amor a sua alma de fogo, arranca-la ao muido para ser a heroína e a santa.

Quando tudo sorri na vida, quando tudo se nos afigura de ouro e azul, quando tudo respira amor e felicidade — luz e vida; Thereza de Jesus aos vinte e annos renunciava voluntariamente ás alegrias da vida, e sepultava-se viva, bem viva, no silencio do claustro.

A lucta que a heroína Thereza teve de travar com a carne, foi tremenda. Ao cabo de oito mezes o espirito triumphou: mas como ella ficára! As feições desfeitas, demudadas; o corpo tão galan e formoso, acurvado para a terra; só os olhos, resplendendo fervor e o enthusiasmo do sacrificio, só esses, continuárão fitos no céo, de que nunca, oh! nunca mais se afastarão. « Dia e meio » diz a santa nas suas *confissões* « dia e meio tiverão a-sepultura aberta zguardando o cadaver, e a que esperavão morta receberão com alma. »

Horrorisa lér essas confissões, escriptas com o sangue da pobre Thereza — mas ao mesmo tempo ellas inspirão-nos um sentimento de admiração sublime que difficilmente se apagará.

Demos graças á Providencia, porque já semelhantes sacrificios são impossiveis. Se Thereza nascêra em epocha mais illustrada, quantos beneficios não poderião dever-lhe muitas gerações de mãis!

Depois de vencida a grande e ruda batalha — a lucta acabou, ou pelo menos, ou sómente des-

apparecerão os signaes exteriores della. — E' só a grande reformadora da disciplina monastica a que temos a contemplar. Empregando no pensamento da reforma todas as forças da sua alma e todos os recursos do seu vigoroso talento por espaço de longos e penados quarenta e sete annos que viveu no claustro, Thereza viu triumphar os seus esforços; e á sua morte, succedida em 1582, contavão-se em Hespanha pelo systema da reforma, quatorze conventos de homens, e dezeseis conventos de mulheres.

A reforma passou ao Mexico e ás Indias occidentaes, á Italia e á França; depois aos Paizes-Baixos, e deu finalmente a volta dos demais estados christãos; e já toda a christandade venerava Thereza de Jesus como santa monja que fôra, quando em 1821 o Papa Gregorio XV ordenou a sua canonisação.

De tantos conventos que santa Thereza de Jesus fundou, nenhum existe, ou todos são ruinas; a nossa civilisação condemnou a obra de Thereza; mas restão-nos seus escriptos, preciosos monumentos de litteratura e de sentimento, por onde a podemos hoje justamente avaliar.

« A historia da sua vida » diz uma interessante e espirituosa escriptora contemporanea, a Sra. D. Carolina Coronado (\*) « escripta com a unção da verdade e da fé, é um grande poema religioso — o caminho da perfeição um tratado completo de educação. « Porém » continua aquella elegantissima escriptora « onde se comprehende a inspiração prophetica de Thereza, é nos conceitos do amor de Deus! Nada se ha escripto depois do cantar dos cantares, nem mais terno; nem mais apaixonado, nem mais divino. Os conceitos do amor de Deus são um continuo arrobamento, um deliquio de amores santos que deixão a alma languida com sua leitura. » Além destas obras escreveu as *moradas interiores*, as *cartas* e muitos outros escriptos espirituales e asceticos.

Tal foi Thereza de Jesus: — a mesma santa epilou a sua vida admiravel de luctas e de dôres nestas eloquentes palavras: — « Soffrer, Senhor, ou morrer! »

## BOLETIM MUSICAL.

Forçoso é que vos dê hoje, minhas amigas, alguma noticia neste artigo, pois que o theatro lyrico deu aos amadores uma opera nova na noite do faustoso dia 14 de Março, anniversario natalicio de S. M. a Imperatriz.

Honrado o theatro com as Augustas Presenças de SS. MM. II., depois de executado pela orchestra o hymno nacional, teve logar a primeira representação da opera — *D. Pascoal*. — Se o nome conhecido do seu autor nos dispensão de qualquer elogio, não podemos prescindir de ajuda uma vez exprimir os nossos applausos pelo excellente desempenho de todas as suas

partes. A Sra. Charton comprehende perfeitamente o seu caracter, cantou admiravelmente, sendo de maravilhoso effeito o rondó final, que desempenhou com graça, muito gosto e brilhantismo. O Sr. Mageroti continuou a dar de si a mais agradável idéa. Cantou sempre bem, e jogou todas as scenas com muita propriedade e expressão. E' lindo o duetto que cantou com o Sr. Arnaud no terceiro acto. A voz do Sr. Ar-

(\*) Semanario Pintoresco Espanol — 1850 — Madrid. — Los Genios Gemelos — Safo y Santa Tereza de Jesus. — pag. 89.

naud tem para nós muito particular merecimento, e sinceramente o applaudimos em todas as operas. O Sr. Labocetta cantou bem, e foi ouvido com prazer.

Tivemos occasião de ouvir esta opera em outra representação, e foi então que pudemos apreciar esta composição mais minuciosamente, pois bem sabeis, leitoras, que é necessario ouvir qualquer opera mais de uma vez para bem apreciar-a em todas as suas bellezas e combinações harmonicas.

Limitaria aqui este artigo, se no decurso da semana nada mais occorresse no mundo musico além da parte harmonica da sociedade *Festal*, que foi brilhante; mas da qual abstenho-me de tratar, visto que a nossa collega Alina com tanto talento a descreveu no seu artigo de domingo passado, limitando-nos a adicionar que uma outra senhora, além das citadas pela nossa collega, cantou perfeitamente dous lindos romances com voz brilhante e admiravel gosto.

Occorre-nos tambem annunciar-vos que na terça-feira da semana passada, os alumnos do Collegio-Marinho cantarão admiravelmente na igreja do Sacramento por occasião da missa do anniversario da morte do illustre monsenhor Marinho. Forão regidos pelo Sr. Cruz Lima, um dos professores do conservatorio de musica do mesmo collegio, a quem felicitamos, bem como aos outros professores pelo brilhante desempenho de seus alumnos.

Poucas musicas tem sido publicadas nestes quinze dias; mas entre ellas citaremos tres que se tornão dignas de muito particular menção. Uma dellas é um lindo romance publicado pelo Sr. Paula Brito, e composto ao livro da *Phisiologia das Paixões*, do Sr. Dr. Mello Moraes,

por uma talentosa senhora a quem felicitamos cordialmente. As outras são dous lindos romances que acabão de ser publicados pelo estabelecimento musical do Sr. Diniz, e que são dignos de ser apreciados pelos amantes do bello que quizerem ouvir ternas inspirações de uma alma verdadeiramente inspirada para a musica sentimental. Denomina-se um delles o — *Soffrimento* —, composição do talentoso Sr. Moura. Ao ouvir-o sente-se o coração repassado pelas provas do soffrimento, parecendo que as harmonias se desferem como suspiros dolorosos em busca de lenitivo para a dor.

A seguinte poesia pertence a este romance.

O mundo me cre ditoso  
Por que simulo isempção:  
Engano — o riso é nos labios  
A magoa no coração.

De que me serve assim viver?  
Sou infeliz: devo morrer.

O segundo romance denominado — *A illusão* — poesia do Sr. J. J. Ribeiro, e musica do Sr. Mesquita, é tambem lindo, e não menos digno de merecimento. O poeta e o musico ligarão os corações, e deixarão que as inspirações fallassem nessa linguagem dos Deuses em doces harmonias do Céu.

Finalmente, publicou-se tambem, no mesmo estabelecimento, uma linda valsa, composta por uma das mais elegantes flores dos nossos salões, a Ex.<sup>ma</sup> Sra. D. Josepha Rombo, e offerecida á sua estimavel irmã. Chama-se esta valsa — *A primeira inclinação* —, e é mimosa e linda como sua auctora.

Corina.

## Maximas e Pensamentos.

Frio, pobreza e velhice encolhem e apoquentão a gente.

Podem os bons nunca alcançar louvores, mas nunca faltão queixas contra os máos.

Os moços devem ser julgados com indulgencia e equidade, os velhos com rigor e severidade.

As loucuras dos velhos justificão as travessuras dos moços.

A mentira infelizmente é mais social do que a verdade, a civilidade a ennobrece e recommenda.

Fallai bem dos vossos inimigos, elles serão forçados para não desmentir-vos a abonar o vosso testemunho.

Ha enganãos tardios que chegão já sem proeito e para nosso maior tormento.

Ousarem innumeraveis casos é alcançar.

M. de Maricá.

## CHARADA.

Não sou dado ás criancinhas,  
Só aos homens de juizo;  
Nem no tem tambem mulheres,  
E nem por isso indica siso: 2  
Dobrada sou cousa não mui vulgar 1

Renome terrivel que dá-se ao malvado;  
E nome de moça, que feia sem par;  
Tem seu peito terno por Deus modelado.

Joséfon.

Acompanha este n.º 42 uma estampa com figurinos de receber visitas e de menino.